

Um Guia para as Igrejas sobre a Prevenção da

FÍSTULA OBSTÉTRICA



Programa de Direitos Humanos do CMI



World Council
of Churches

Um Guia para as Igrejas sobre a Prevenção da

FÍSTULA OBSTÉTRICA

Programa de Direitos Humanos do CMI



World Council
of Churches



Um Guia para as Igrejas sobre a Prevenção da Fístula Obstétrica

Copyright © 2023 WCC Publications. Todos os direitos reservados. Esta publicação pode ser reproduzida em inglês com o reconhecimento total da fonte. Nenhuma parte da publicação pode ser traduzida sem permissão prévia por escrito de sua editora. Para autorização, contatar publications@wcc-coe.org

A WCC Publications é o programa de publicação de livros do Conselho Mundial de Igrejas. O CMI é uma irmandade mundial de 352 igrejas membros que representa mais de meio bilhão de Cristãos e Cristãs em todo o mundo. O CMI exorta suas igrejas membros a buscar a unidade, um testemunho público comum e o servir ao próximo em um mundo onde a esperança e a solidariedade são as sementes da justiça e da paz. O CMI trabalha com pessoas de todas as religiões que buscam a reconciliação como forma de alcançar a justiça, a paz e um mundo mais equitativo.

As opiniões expressas em publicações da WCC Publications são de responsabilidade de quem as exprime.

As citações das escrituras são da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®, NVI® Copyright © 1993, 2000 Biblica, Inc.® Citações utilizadas com permissão.

Produção: Lyn van Rooyen, coordenadora, WCC Publications

Capa: Aaron Maurer Design

Design e tipografia: Aaron Maurer Design

Crédito da Foto: Dr. Michael Breen. A foto mostra mulheres da Fundação Freedom from Fistula em Toamasina (Madagascar) após cirurgias reparadoras. Foi obtido seu consentimento por escrito para usar esta foto.

ISBN: 978-2-8254-1843-7.

Conselho Mundial de Igrejas

150 route de Ferney, Caixa Postal 2100,

1211 Geneva 2, Suíça

www.oikoumene.org

ÍNDICE

Prefácio	5
Objetivo deste Guia	7
A história de Moira	9
Histórico	11
Porque as igrejas precisam se envolver	14
Mulheres afetadas que vivem entre nós	18
O que está sendo feito	20
Engajamento do CMI	21
Medidas que as igrejas podem tomar	23
Perguntas para discussão e estudo bíblico	27
Preces	29



PREFÁCIO

Oferecendo esperança em uma situação desesperada

Ela me olhou com enorme tristeza nos olhos: Mary, de 16 anos, aguardava cirurgia num hospital religioso no leste da República Democrática do Congo (RDC). Ela casou-se e ficou grávida ainda jovem. Ela não pôde ir ao hospital quando entrou em trabalho de parto porque havia grupos rebeldes que atuavam na área. A adolescente então deu à luz em casa. A criança morreu, e a jovem mãe saiu da experiência profundamente machucada – física e emocionalmente. Semanas após o parto, sua urina vazava em pingos, e a jovem chorava por mais que a perda do filho. Ela também era agora uma pária – impedida de participar da sociedade por causa de sua fístula obstétrica.

Agora, ela veio ao hospital porque ouviu falar da oportunidade de a doença ser tratada lá. “Vamos operar Mary o mais rápido possível”, disse o Dr. Claude Biringi, médico e parte do grande número de profissionais de saúde que trabalha incansavelmente na República Democrática do Congo para ajudar mulheres com fístula obstétrica. Ele acrescentou: “É por causa de mulheres como Mary que estou aqui, operando uma fístula vaginal. Quando vejo o sorriso em seus rostos após a cirurgia e quando voltam para casa com uma nova esperança e uma nova vida, então cumpri minha missão.”

No entanto, é preciso mais do que atenção médica adequada e cirurgia para erradicar à fístula obstétrica e as consequências traumatizantes de uma vida isolada e desesperada. É fundamental concentrar-se na prevenção da fístula através de um melhor acesso a cuidados de saúde de qualidade. No entanto, um parto difícil não é a única causa da fístula vaginal. Ela também pode ocorrer como consequência da violência sexual – especialmente em zonas de guerra civil e conflito –, deixando as mulheres profundamente traumatizadas e muitas vezes excluídas da sociedade.

As igrejas são comunidades que devem se aproximar das pessoas marginalizadas e desfavorecidas, criando espaços seguros para as mulheres e meninas afetadas, tratando-as com dignidade e respeito e permitindo que a cura aconteça. Serviços de saúde

religiosos mais bem equipados também podem prestar atenção à saúde de maior qualidade. As igrejas precisam defender os direitos das mulheres em seu trabalho pela paz e pela estabilidade para que as pessoas possam viver as suas vidas com dignidade e respeito.

As igrejas podem fazer a diferença, e esta publicação pode ajudar a apresentar às congregações a questão da fístula obstétrica – um assunto em grande medida desconhecido.

Vamos dar as mãos para trazer esperança às pessoas que vivem às margens.

Dra. Gisela Schneider (Mestre em Saúde Pública, Diplomada em Medicina Tropical e Higiene, Doutora em Saúde Reprodutiva), Comissão de Saúde e Cura do CMI

PROPÓSITO DESTE GUIA

Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: “Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se”, sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta. (Tiago 2:15-17)

Este guia tem como objetivo sensibilizar igrejas e comunidades religiosas sobre a condição catastrófica que é a fístula obstétrica – uma lesão que ocorre no parto, geralmente devido a trabalhos de parto prolongados e obstruídos que não recebem intervenção médica em tempo hábil. A fístula obstétrica pode ter consequências físicas, emocionais e econômicas devastadoras para as mulheres, podendo inclusive levar a deficiência permanente. A condição é semelhante à da fístula ginecológica traumática, mas esta última ocorre como resultado de violência sexual, não do parto.¹

Há grande variação nas estimativas do número de mulheres no mundo que sofrem de fístula obstétrica, principalmente devido à escassez de dados. No momento da publicação deste guia, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) estima que 500.000 mulheres e meninas vivem com fístula obstétrica no mundo em desenvolvimento, e que milhares de novos casos ocorrem todos os anos.² A grande

-
- 1 A fístula ginecológica traumática – comum em situações de conflito – é consequência de um estupro brutal (às vezes incluindo o uso de objetos) que causa uma ruptura (“fístula”) entre a vagina e a bexiga ou o reto da mulher, ou ambos. Além de sofrerem dificuldades semelhantes às das mulheres com fístula obstétrica, as mulheres com fístula ginecológica traumática também enfrentam consequências psicológicas, incluindo vergonha após o ataque e medo de novas agressões. Estas mulheres são geralmente rejeitadas por seus cônjuges e familiares
 - 2 “Obstetric fistula,” site da UNFPA (em inglês): <https://www.unfpa.org/obstetric-fistula>; ver também o relatório do Secretário-Geral das Nações Unidas de 2020 em que os números foram divulgados pela primeira vez: Intensifying Efforts to End Obstetric Fistula within a Decade, Relatório da Assembleia Geral das Nações Unidas A/75/264, 28 de julho de 2020, <https://www.unfpa.org/resources/un-report-obstetric-fistula-2020-a75264> (em inglês).

maioria dos casos ocorre na África Subsaariana e no Sul da Ásia.

Devido à natureza sensível do assunto, a condição permanece largamente desconhecida. A fístula obstétrica, inclusive, é às vezes chamada de “lepra moderna” devido à ignorância do público geral; poucas pessoas reconhecem a natureza gravíssima da doença.

Este guia busca apresentar a fístula obstétrica e explicar por que as igrejas precisam se preocupar com o assunto. Ele discute como as igrejas podem ajudar a prevenir a ocorrência da doença nas mulheres em suas congregações e comunidades locais, e também oferece apoio prático e emocional e incentivos para quem sofre de fístula obstétrica. Finalmente, o Guia descreve o trabalho de defesa de direitos que se faz hoje e sugere algumas ações que as igrejas podem tomar.

Muitas contribuições valiosas enriqueceram esta publicação. Queremos reconhecer com apreço a contribuição das mulheres em Madagascar que corajosamente compartilharam suas experiências de como é viver com a fístula obstétrica, bem como dos membros de igrejas de Madagascar que compartilharam tanto seus conhecimentos da questão quanto seu desejo de saber mais. Agradecimentos e apreço vão também para a Sra. Eva Abel Moses, Rev. Nicole Ashwood, Prof. Dr. Vasile-Octavian Mihoc, Sr. Stephen J. Brown, Dr. Mwai Makoka, Dr. Manoj Kurian, Sra. Bridget Asiamah e o Sr. Nicholas Zoller. Uma menção especial deve ser feita ao Padre Edward Flynn, Irmão Espiritano e coordenador da obra *Rights-proof—Prevention of Obstetric Fistula* (“À prova de direitos – prevenção da fístula obstétrica”), que inspirou esta publicação com seu compromisso inabalável de erradicar este sofrimento para as mulheres.

Jennifer Philpot-Nissen

Executiva do Programa para Direitos Humanos e
Desarmamento do Conselho Mundial de Igrejas

A HISTÓRIA DE MOIRA

Moira,³ uma mulher de Madagáscar, partilhou sua história depois de ter sido submetida a uma cirurgia para reparar a sua fístula obstétrica:

Tenho 21 anos. Tenho fístula obstétrica há seis anos. Venho de uma aldeia longe daqui e sou agricultora. Planto arroz, cereais, mandioca e banana, e crio galinhas e patos.

Fiquei grávida aos 15 anos. Quando começou o trabalho de parto, procurei uma parteira tradicional e fiquei três dias com ela, mas o apoio dela não foi suficiente. Ela me encaminhou para um hospital quando decidiu que não tinha mais como me ajudar. Meus parentes apoiaram esta decisão. Minha tia veio comigo porque minha mãe tinha que cuidar do meu irmão mais novo.

Encontramos uma moto e começamos nossa jornada até o hospital, mas a estrada estava tão ruim que descobrimos que era melhor caminhar do que andar de moto. Decidimos então pegar um táxi rural para chegar ao hospital. Levamos três dias caminhando para chegar ao táxi rural e ficamos com familiares que moravam no caminho.

Durante todo esse tempo eu estava em trabalho de parto. Eu estava muito estressada, muito mais por meu filho do que por mim. Achei que morreria com meu filho. Minha esperança era chegar no hospital a tempo. Nunca tinha estado na cidade antes.

Estava em trabalho de parto há seis dias quando cheguei à unidade de saúde, e demoraram mais um dia para decidirem fazer uma cesariana. Meu filho nasceu morto. Fiz então minha primeira operação de fístula, mas só fiquei dois dias

³ Seu nome foi alterado para proteger sua privacidade.

no hospital. Eu tinha que vender carne e arroz para poder pagar os custos do transporte e as contas do tratamento.

Se eu tivesse tido custeio para o transporte, um hospital na minha aldeia e parteras mais qualificadas que tivessem me orientado a ir para o hospital mais cedo, tudo isso teria sido de ajuda para mim e para todas as mulheres na minha aldeia.

Fiz a segunda cirurgia reparadora depois de conviver com fistula obstétrica por seis anos. Ouvi falar da cirurgia no rádio, e meu pai me contou que também tinha ouvido falar de um hospital que fazia cirurgias reparadoras. Conheci uma mulher que era paciente deste hospital e voltou após um reparo de fistula. Conheço outras quatro mulheres que sofrem desta condição na minha aldeia e no meu bairro.

Antes de ir fazer o reparo, uma delas me perguntou sobre o procedimento, mas o pai dela não quis que ela fosse comigo. Ele não confiava no hospital porque tinha ouvido muitas histórias sobre órgãos desaparecidos e mortes misteriosas. Mas depois que eu fiz a cirurgia, ele ficou mais confiante e permitiu que ela fizesse.

Hoje me sinto tão feliz e tão alegre.

HISTÓRICO

O que é a fístula obstétrica?

A fístula obstétrica⁴ é a ocorrência de um orifício ou ruptura anormal na carne entre o canal do parto e a bexiga ou o reto durante o parto, geralmente como resultado de um trabalho de parto obstruído e prolongado.

Durante um parto obstruído, a cabeça do bebê pressiona continuamente o osso pélvico da mãe, o que pode danificar os tecidos e eventualmente criar um orifício – uma “fístula” – entre a vagina e a bexiga ou reto. A pressão impede que haja fluxo sanguíneo para o tecido, levando a lesões irreversíveis nas células do tecido. Em algum momento, o tecido morto é expelido, deixando uma fístula, que provoca um vazamento constante de urina e às vezes também de fezes pela vagina.

Em 90% dos casos, o bebê morre de sofrimento fetal devido ao trabalho de parto prolongado e obstruído.⁵

Quais são as causas subjacentes da fístula obstétrica?

A principal causa da fístula obstétrica é quando as mulheres sofrem uma obstrução durante o parto e não têm acesso a unidades de saúde devidamente equipadas e atenção à saúde adequada quando necessitam. Quando há esta infraestrutura, geralmente se toma a decisão de realizar uma cesariana de emergência. Contudo, esta causa é agravada por muitos outros fatores socioeconômicos determinantes – principalmente pobreza, fatores culturais, falta de conhecimento, desigualdade de gênero e discriminação.

Quando os serviços de saúde não são gratuitos, as mulheres pobres podem não

4 Este é um breve resumo. Informações mais detalhadas podem ser encontradas na seção sobre Fístula Obstétrica do site da Organização Mundial da Saúde <https://www.who.int/news-room/facts-in-pictures/detail/10-facts-on-obstetric-fistula> (em inglês, acessado em 19/02/2018).

5 *Campaign to End Fistula* (“Campanha para Erradicar a Fístula”), site do UNFPA, <https://endfistula.org/>.

conseguir arcar com os custos de transporte para chegar a um centro médico, especialmente as que vivem em áreas rurais ou remotas ou que dependem de terceiros. A pobreza também tem efeitos sobre a saúde. Embora a fístula possa afetar todas as mulheres, as mulheres jovens e adolescentes correm particular risco, porque seus corpos ainda não terminaram de se formar. Este risco aumenta se a mulher tiver estado desnutrida durante grande parte da sua vida.

Fatores culturais também podem influenciar a ocorrência de fístulas. Casamentos precoces levam a gravidezes precoces. A oportunidade de os pais receberem um dote aumenta o risco de meninas se casarem precocemente. Atitudes culturais também podem fazer com que as mulheres e meninas adiem a ida aos hospitais e centros de saúde para dar à luz. Estas atitudes incluem pensar que as mulheres devem suportar a dor, e que é sinal de fraqueza de caráter procurar ajuda ou gritar durante o parto. Familiares – e mesmo equipes médicas – podem tratar as mulheres com antipatia, até mesmo zombando delas em momentos de angústia.

A falta de acesso à educação pode aumentar o risco de fístula obstétrica. A educação para a saúde pode ajudar mulheres e meninas a entender as causas, os perigos e possíveis formas de prevenir a fístula obstétrica; além disso, quanto mais tempo uma menina conseguir ficar na escola, mais aumentarão suas perspectivas econômicas e menor será a probabilidade de ela casar jovem.

Finalmente, a desigualdade de gênero muitas vezes faz com que as mulheres não possam tomar decisões sobre as suas próprias vidas e saúde – por exemplo, a decisão de fazer o pré-natal ou a ir uma unidade de saúde para dar à luz. O dinheiro da família que uma mulher grávida precisa para sua saúde e nutrição pode ser gasto em outras coisas.

O fato de que a fístula obstétrica persiste indica que os sistemas sociais e de saúde não estão conseguindo proteger a saúde e os direitos humanos das mulheres e meninas mais pobres e mais vulneráveis.

Quais são os impactos da fístula obstétrica?

A fístula obstétrica é uma dupla tragédia para uma mulher ou menina – que precisa sofrer a perda do seu filho e ainda enfrentar os impactos na sua própria

saúde. Se não é tratada, a condição pode ter graves consequências médicas, emocionais, psicológicas e econômicas. Dentre os riscos contínuos para a saúde, há uma maior probabilidade de infecções secundárias. Além disso, a incapacidade de controlar a urina ou as fezes significa que as mulheres vivem com um odor desagradável permanente. Como resultado, geralmente isolam-se da sociedade ou tem que enfrentar o estigma da rejeição.

A fístula é devastadora em todos os aspectos das vidas das mulheres afetadas, e viola a sua dignidade humana e muitos de seus direitos humanos. Seus meios de subsistência e possibilidades econômicas, seu acesso à saúde e educação, sua participação na igreja, seus relacionamentos e senso de pertencimento à comunidade: tudo é afetado. É muito comum que casamentos se desfaçam em consequência de uma fístula obstétrica. Ter a doença em si é uma barreira para defender os direitos de quem a tem – para si ou para outras mulheres – uma vez que efetivamente aprisiona as mulheres em suas próprias casas.

Como a fístula obstétrica pode ser prevenida?

A ferramenta mais importante para erradicar a fístula obstétrica é evitar que ela aconteça. As medidas preventivas são eficazes e consideravelmente mais baratas do que tratar os danos que ela causa. Se todas as mulheres tivessem acesso a serviços de saúde de qualidade durante a gravidez e nos anos anteriores e posteriores, o número de mortes maternas e neonatais e de lesões no parto poderia ser substancialmente reduzido. Prevenir a fístula inclui também tratar as desigualdades e educar e empoderar as mulheres.

Como a fístula obstétrica pode ser tratada?

Uma vez ocorrida uma fístula obstétrica, a principal solução é a cirurgia reconstrutiva realizada por cirurgião ou cirurgiã com especialização em fístulas. As taxas de sucesso chegam a 90% para casos menos complexos, mas diminuem quando os casos são mais complexos e graves. O custo do tratamento da fístula – incluindo cirurgia, cuidados pós-operatórios e apoio à reabilitação – varia de país para país.

PORQUE AS IGREJAS PRECISAM SE ENVOLVER

Muitas pessoas se sentem desconfortáveis ao estar próximas de alguém que sofre de doenças, lesões ou problemas de saúde mental. Na verdade, tendemos a evitar essas pessoas. Mas Deus fez o oposto. Isaías diz de Deus: “Em toda a aflição do seu povo ele também se afligiu, e o anjo da sua presença os salvou” (Is. 63:9). A parábola do bom samaritano demonstra como Deus nos chama a caminhar com as pessoas doentes, independentemente de diferenças religiosas, culturais ou socioeconômicas, para partilhar de seu padecer e estar com elas em solidariedade, orar por elas, e fazer tudo o que pudermos para apoiá-las e proporcionar a cura.

Em toda a Bíblia, Deus está do lado das pessoas que sofrem, e manter a dignidade humana é fundamental. “Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade.” (1 Tim. 2). A igreja primitiva promovia o cuidado das pessoas enfermas e o desenvolvimento de medicamentos. O sistema de hospitais moderno tem entre suas bases a compreensão que os primeiros Cristãos e Cristãs tinham de seu papel no que diz respeito à caridade e ao cuidado das pessoas vulneráveis.

Gênesis nos conta que, quando Adão e Eva pecaram pela primeira vez contra Deus no jardim do Éden, Deus disse a Eva: “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará.” (Gn 3:16). Este versículo é por vezes interpretado de forma a implicar que tomar medicação para mitigar a dor do parto ou procurar ajuda durante o trabalho de parto é uma forma pecaminosa de tentar evitar a maldição de Deus. Na verdade, estes tratamentos devem ser vistos como

uma bênção de Deus, que permite o desenvolvimento de medicamentos e procedimentos que podem ajudar as mulheres e assegurar o nascimento saudável dos filhos de Deus. De fato, vários versículos da Bíblia indicam que medicamentos à base de plantas são uma dádiva de Deus. Ezequiel diz: “Mas os charcos e os pântanos não ficarão saneados; serão deixados para o sal. Árvores frutíferas de toda espécie crescerão em ambas as margens do rio. Suas folhas não murcharão e os seus frutos não cairão. Todo mês produzirão, porque a água vinda do santuário chega a elas. Seus frutos servirão de comida, e suas folhas de remédio”. (Ez. 47:11-13).

No que diz respeito à condição da fistula obstétrica, uma história na Bíblia fala de forma poderosa sobre este sofrimento, e sobre a resposta compassiva que Cristo nos deu como modelo. A história é contada no evangelho de Marcos:

E estava ali certa mulher que havia doze anos vinha sofrendo de hemorragia. Ela padecera muito sob o cuidado de vários médicos e gastara tudo o que tinha, mas, em vez de melhorar, piorava. Quando ouviu falar de Jesus, chegou por trás dele, no meio da multidão, e tocou em seu manto, porque pensava: “Se eu tão-somente tocar em seu manto, ficarei curada”. Imediatamente cessou sua hemorragia e ela sentiu em seu corpo que estava livre do seu sofrimento.

No mesmo instante, Jesus percebeu que dele havia saído poder, virou-se para a multidão e perguntou: “Quem tocou em meu manto?”

Responderam os seus discípulos: “Vês a multidão aglomerada ao teu redor e ainda perguntas: ‘Quem tocou em mim?’”

Mas Jesus continuou olhando ao seu redor para ver quem tinha feito aquilo. Então a mulher, sabendo o que lhe tinha acontecido, aproximou-se, prostrou-se aos seus pés e, tremendo de medo, contou-lhe toda a verdade. Então ele lhe disse: “Filha, a sua fé a curou! Vá em paz e fique livre do seu sofrimento”. (Marcos 5:25-34)

Nestes versículos, a mulher cria coragem para tocar nas roupas de Jesus e é curada instantaneamente. O sangramento constante a deixou permanentemente ritualmente impura, e depois de 12 anos nesta situação, ela deve ter sido considerada uma pária. Da mesma forma, as mulheres com fístula obstétrica enfrentam isolamento porque são consideradas impuras.

Não sabemos exatamente o que causou a doença, mas sabemos que ela consultou muitos médicos e gastou tudo o que tinha na busca pela cura. Para muitas mulheres com fístula obstétrica, o custo da cirurgia, do deslocamento até a unidade de saúde e de arcar com suas necessidades básicas enquanto estão fora de casa torna impossível o acesso à cirurgia. Em alguns casos, as mulheres precisam de mais de uma cirurgia para corrigir totalmente a condição ou fazer acompanhamento caso a primeira cirurgia não tenha sido bem-sucedida. Só podemos imaginar o nível de indignidade a que a mulher do Evangelho de Marcos foi submetida com suas repetidas consultas médicas, mas é isso que milhões de mulheres com fístula obstétrica continuam a vivenciar.

Jesus responde depois de perceber que poder havia saído dele. Ele procura identificar a mulher para restaurar sua dignidade, mas ela fica apavorada. Sem dúvida, naquele momento, sua crença de que Jesus era mais do que um homem comum foi confirmada. Ela provavelmente também tinha medo de ser ainda mais vitimada por tocar um homem quando estava ritualmente impura. Ela cai aos pés de Jesus e lhe conta toda a verdade – que ela o tocou e foi curada. Talvez ela narre a Jesus quando e como começou a condição e todo o sofrimento e estigma social que enfrentou. Ela é testemunha da misericórdia e do poder curador de Jesus. Suas afirmações públicas a esta mulher no versículo 34: “Filha, a sua fé a curou! Vá em paz e fique livre do seu sofrimento” – são uma parte essencial da restauração de seu papel na sociedade.

Da mesma forma, é essencial que uma mulher que vive com fístula obstétrica se reintegre a sua vida familiar e na sociedade para recuperar-se plenamente e ter a sua dignidade humana restaurada. Não é uma transição fácil. Embora ela tenha iniciado o processo de cura, o caminho para a recuperação total é longo. Por exemplo: após a cirurgia, uma mulher não pode ter intimidade com o marido ou parceiro durante vários meses, e precisa fazer checkups regulares. Em alguns

casos, ela pode precisar de novas cirurgias, e, se quiser ter outro filho, deve planejar com antecedência o acesso a uma cesariana para evitar a recorrência da fístula obstétrica. No período de recuperação, ela não pode realizar trabalhos pesados, mesmo quando são parte inevitável de seu sustento – para a maioria das mulheres, qualquer apoio financeiro que recebam durante o período da cirurgia e pós-operatório não dura muito. Para superar todas essas dificuldades, a mulher precisa de apoio psicológico, emocional e econômico.

MULHERES AFETADAS QUE VIVEM ENTRE NÓS

O nível de educação, a condição socioeconômica e a proximidade de unidades de saúde adequadas e acessíveis são fatores determinantes que podem causar ou prevenir a fístula obstétrica. Para além desses fatores, esta é uma condição que pode afetar qualquer mulher ou menina.

Milhares de congregações religiosas nos países afetados têm mulheres que sofrem de fístula obstétrica que vivem em seu meio. Em alguns casos, as mulheres grávidas – que anteriormente eram muito ativas na sua igreja e comunidade local – simplesmente desaparecem da vida pública. A família pode dizer às pessoas que o bebê morreu e que a mãe não está bem, mas depois não diz mais nada. Isto perpetua ainda mais o silêncio e a falta de conhecimento geral em torno desta condição.

As igrejas ocupam um lugar único na sociedade em comparação com outras estruturas sociais, como locais de emprego, educação ou lazer. As igrejas são – ou deveriam ser – lugares onde cuidar do próximo é uma responsabilidade primordial. As igrejas proporcionam acesso de base às comunidades e podem ser locais onde as mulheres grávidas podem procurar apoio – financeiro, moral e prático – durante a gravidez e à medida que se aproximam do parto. As igrejas devem ser locais onde as pessoas possam perguntar de forma gentil e sensível sobre as mulheres que se escondem por conta de sua condição de fístula obstétrica, e depois tomar medidas para garantir que sejam ajudadas. Falar sobre esta questão a partir do púlpito – e em grupos de mulheres, homens e jovens – poderia ajudar a aumentar a consciencialização, mitigar o estigma e a discriminação e encorajar as pessoas que sofrem em silêncio a procurar ajuda.

Esse trabalho também pode centrar-se particularmente nos maridos cujas esposas possam estar sofrendo desta condição, ou em homens que possam enfrentá-la no futuro em seus casamentos. Efésios instrui aos maridos a que “ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela” (Efésios. 5:25). Uma mulher que sofre a perda de um filho e uma fístula obstétrica precisa da compreensão, da paciência, do cuidado e do amor do marido mais do que nunca.

O QUE ESTÁ SENDO FEITO

Em 2003, o UNFPA e suas parceiras lançaram a “Campanha para Erradicar a Fístula” (*Campaign to End Fistula*) através da prevenção, tratamento, reabilitação e reintegração, bem como através da mobilização de defensoras e defensores de direitos e angariação de recursos. A campanha ajudou mais de 100.000 mulheres, oferecendo cirurgias reparadoras e prestando apoio em 55 países na África, na Ásia, na região árabe e no Caribe.

Em 23 de maio de 2013, o UNFPA lançou o Dia Internacional para a Erradicação da Fístula Obstétrica⁶ com o objetivo de chamar a atenção para a questão. A campanha incentivou as pessoas a marcar o dia doando para uma organização que trabalha com fístula obstétrica, conversando com outras pessoas sobre o assunto e comprometendo-se a apoiar as pessoas que sofrem com os impactos da doença nas suas vidas.

A cada dois anos, a Assembleia Geral das Nações Unidas adota uma resolução que continua a apelar para que sejam feitos esforços para erradicar com a fístula até 2030. A resolução também se relaciona a um relatório semestral do Secretário-Geral da ONU.

Outras agências da ONU também estão envolvidas em diferentes aspectos da questão, assim como organizações não-governamentais da área da saúde e igrejas que têm programas de saúde, como a Igreja Luterana em alguns países.

6 International Day to End Obstetric Fistula (“Dia Internacional para a Erradicação da Fístula Obstétrica”), site do UNFPA (acessado em 23 de maio de 2023), <https://www.unfpa.org/events/international-day-end-obstetric-fistula>.

ENGAJAMENTO DO CMI

Nos últimos anos, a Comissão para Assuntos Internacionais do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) vem promovendo a sensibilização a nível internacional da fístula obstétrica como uma grave questão de direitos humanos para mulheres e meninas, e defendendo que sejam tomadas medidas para a sua prevenção. O CMI fez declarações ao Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, em parceria com a Geneva for Human Rights, a Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor e outras parceiras.

Em novembro de 2022, o Comitê Executivo do CMI emitiu uma declaração sobre saúde e bem-estar global que menciona a fístula obstétrica. A declaração afirma: “As igrejas têm um papel fundamental a desempenhar apoiando as mulheres em suas comunidades que sofrem desta forma, sensibilizando as pessoas sobre a questão e confrontando a discriminação e o estigma associados à fístula, além de defender a prevenção da doença. através de atenção à saúde adequada, o acesso a cirurgias reparadoras para as mulheres afetadas, e que todas as pessoas afetadas por esta condição sejam tratadas com dignidade e respeito.”⁷

No mesmo mês, uma delegação do CMI visitou Madagascar para conhecer as igrejas membros locais e entender o impacto da fístula obstétrica no país. A delegação de visitantes considerou que se tratava de uma questão séria, e que as igrejas tinham níveis variados de conscientização sobre a doença. Como tal, identificou diversas ações de acompanhamento para que o CMI possa apoiar as igrejas membros em suas ações para enfrentar essa questão, uma das quais foi a produção deste Guia.

7 “Comitê Executivo do Conselho Mundial de Igrejas Exorta Compromisso com Igrejas Promotoras da Saúde Globais” (tradução livre), site do Conselho Mundial de Igrejas, 12 de novembro de 2022, <https://www.oikoumene.org/news/world-council-of-churches-executive-committee-urges-commitment-to-global-health-promoting-churches>

Mulheres de todas as religiões podem ser afetadas pela fístula. O engajamento com outras religiões em torno desta questão, valendo-se de fóruns já existentes para o diálogo inter-religioso, é fundamental para alcançar mais vítimas ocultas.

MEDIDAS QUE AS IGREJAS PODEM TOMAR

A prevenção da fistula obstétrica

A ferramenta mais importante no trabalho para garantir que as mulheres nunca tenham de conviver com a fistula obstétrica é, em primeiro lugar, prevenir que ela ocorra. Abaixo estão algumas ações que algumas igrejas já estão tomando e que outras igrejas nos países afetados poderiam considerar.

- As lideranças da igreja precisam entender a fistula obstétrica para que possam liderar a sensibilização, a defesa de direitos e a tomada de medidas para preveni-la em suas comunidades.
- Mensagens relacionadas à prevenção da fistula obstétrica poderiam ser compartilhadas durante a missa, por exemplo, como parte de discussões sobre outros tópicos de saúde.
- Estudos bíblicos e debates centrados no cuidado de Jesus pelas pessoas mais vulneráveis e marginalizadas, que podem ajudar a introduzir este tema, poderiam ser incluídos na vida da igreja. Leituras relevantes e sugestões de questões para reflexão podem ser encontradas no final deste guia.
- Os ministérios das mulheres (federações, associações e *mother's unions*) podem aumentar a consciencialização em suas redes, defender a transformação de leis discriminatórias, e ainda proporcionar espaços de apoio seguros para as pessoas que se veem obrigadas a retirar-se de suas comunidades.
- As igrejas podem compartilhar mensagens sobre o papel crítico da educação e sobre a importância de retardar a idade do casamento. As meninas que largam os estudos para se casar são menos propensas a entender a importância da nutrição, de fazer o acompanhamento pré- e pós-natal e de fazer o parto em um hospital. É mais provável que essas mulheres e meninas

- utilizem parteiras tradicionais do que parteiras profissionais ou hospitais.
- As igrejas podem participar da promoção do ensino secundário de meninas em áreas remotas. Além de dar às meninas acesso a informações valiosas sobre sua saúde, o ensino secundário pode levar a uma espera maior antes do casamento e um retardo da gravidez precoce.
 - As igrejas podem divulgar mensagens sobre a importância de uma boa nutrição. A desnutrição pode causar subdesenvolvimento em meninas, o que aumenta as probabilidades de parto obstruído e fístula obstétrica.
 - As igrejas podem trabalhar com profissionais de saúde para promover a educação para a saúde, particularmente em questões de saúde reprodutiva, maternidade segura e nutrição. Elas podem destacar a importância de ir ao hospital ou a uma unidade de saúde para dar à luz, ao invés de fazer o parto em casa.
 - As igrejas podem entrar em contato com hospitais para oferecer transporte de emergência ou ambulâncias para que as mulheres grávidas cheguem aos hospitais no momento do parto.
 - As igrejas podem organizar eventos itinerantes para conscientizar as pessoas sobre a saúde reprodutiva e a fístula obstétrica em áreas remotas. Ao buscar uma maior divulgação destes temas, as igrejas podem ajudar a dissipar mitos e concepções errôneas sobre a fístula obstétrica e promover a intervenção médica precoce.
 - As igrejas podem se manifestar contra as desigualdades de gênero, o casamento precoce e forçado, a violência contra as mulheres e outros fatores semelhantes que colocam as mulheres em particular risco de fístula obstétrica.
 - As igrejas devem demandar junto às autoridades locais e nacionais que haja recursos suficientes para o setor de saúde a fim de assegurar que as mulheres tenham acesso a serviços adequados e apropriados.
 - As igrejas podem coletar informações sobre a fístula obstétrica em seu país e partilhar estas informações com representantes que trabalham na área da defesa de direitos a nível internacional.
 - Em áreas em que a infraestrutura de atenção à saúde obstétrica é insuficiente, as igrejas podem apoiar iniciativas de parto seguro, como parcerias com unidades de saúde locais para oferecer pré-natal gratuito/subsidiado ou kits de parto seguro. Elas podem também criar ou apoiar maternidades que ofereçam cuidados abrangentes, incluindo atendimento pré- e pós-natal.

Apoiando mulheres com fístula obstétrica

O tratamento da fístula obstétrica por meio de reparo cirúrgico é de responsabilidade de profissionais de saúde especialistas. Contudo, em muitos países afetados, os hospitais e centros de saúde são administrados por igrejas. Para além das unidades de saúde geridas por igrejas, as igrejas podem estar envolvidas também das seguintes formas:

- Tratar as mulheres afetadas com dignidade, bondade e amor deve ser a primeira resposta. As mulheres e as suas famílias devem ter a certeza de que a condição pode ser tratada.
- As igrejas podem desempenhar um papel fundamental no apoio ao luto quando uma mãe perde o seu filho ou a criança nasce com deficiência após um parto difícil.
- As igrejas podem fazer parcerias com organizações de apoio a mães que vivem com fístula obstétrica para oferecer informações confiáveis – especificamente sobre os custos e a disponibilidade de serviços médicos – além de centrais telefônicas para apoiá-las.
- As igrejas devem contactar e encorajar visitas pastorais “de mulheres para mulheres” durante a gravidez para assegurar que haja acompanhamento caso as mulheres não reapareçam na vida pública após o parto.
- As igrejas devem se envolver no esforço de demandar que haja unidades itinerantes de reparação e triagem de fístulas obstétricas, e divulgar informações sobre quando e onde estas unidades ocorrerão em parceria com hospitais que oferecem cirurgia de reparação de fístulas.
- As igrejas devem desenvolver boas parcerias com unidades de saúde para poder encaminhar de forma eficiente as mulheres que desenvolvem fístula obstétrica e assegurar que sejam tratadas o mais rapidamente possível após a descoberta da condição.

Ajudando as mulheres a se reintegrar

As igrejas podem tomar uma série de medidas para ajudar as mulheres que sofrem de fístula obstétrica ou que estão se recuperando de uma cirurgia de reparação de fístula a se reintegrarem a uma vida normal:

- As igrejas podem estabelecer fundos ou parcerias com organizações existentes para apoiar financeiramente a reintegração social das mulheres, ajudando-as assim a voltar às suas comunidades com dignidade e ser autossuficientes.
- As igrejas devem prestar aconselhamento e apoio psicológico e social às famílias de mulheres que vivem com fístula obstétrica, incluindo a realização de visitas pastorais a mulheres que estão se recuperando em casa.
- As igrejas precisam se pronunciar para condenar a discriminação social das mulheres que sofrem de fístula obstétrica, e criar espaços seguros e de conscientização sobre a fístula obstétrica para combater o estigma e o trauma.
- As igrejas podem proporcionar projetos de geração de renda para mulheres em recuperação de fístula obstétrica que estejam dentro dos limites de suas capacidades físicas.
- As igrejas devem apoiar as mulheres que ocupavam posições de liderança antes da fístula para que regressem a elas assim que desejarem.
- As igrejas podem encorajar, apoiar e empoderar mulheres recuperadas que queiram falar sobre as suas experiências, promover a prevenção da fístula obstétrica e apoiar as mulheres com esta doença.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO E ESTUDO BÍBLICO

Ler Gênesis 3, a história da decadência de Adão e Eva.

- 1. A dor e o trauma no parto deveriam ser inevitáveis e fazer parte do plano de Deus para as mulheres?*
- 2. Como as igrejas podem falar de normas culturais que talvez estejam encorajando as mulheres a “aguentar” além do que são capazes?*

Ler Marcos 5:24-34 – a história da mulher que foi curada quando tocou nas vestes de Jesus.

- 1. Quais são algumas das dificuldades que as mulheres que vivem com fistula obstétrica podem enfrentar?*
- 2. O que a sua igreja pode fazer para recuperar a dignidade das mulheres que vivem com fistula obstétrica?*

Ler 1 Reis 17:10-16 – a história da viúva e de seu filho que viviam em passavam fome, mas confiaram em Elias e deram-lhe o seu último pão. Desde então, e até que as chuvas voltaram, seu jarro de farinha e seu jarro de óleo não ficaram vazios.

- 1. Como Deus operou através daquela mulher, que estava numa situação muito desesperadora, e lhe deu esperança de um futuro para ela e seu filho?*
- 2. Como podemos apoiar as mulheres com fistula obstétrica que sentem que não têm esperança para o futuro e que não têm nada para contribuir para a sociedade?*

Ler Salmos 27:1–5. A casa do Senhor (a igreja) pretende ser um espaço seguro para todos.

- 1. Como podemos reduzir o estigma na igreja para as mulheres afetadas pela fistula obstétrica e promover uma cultura onde estas questões possam ser abordadas com sensibilidade?*
- 2. Como a sua igreja pode ser um espaço seguro e um lugar de santuário para mulheres com fistula obstétrica?*

Ler Lucas 10:25-37 – a parábola do bom samaritano

- 1. O que Deus pode estar nos chamando a fazer – prática e espiritualmente – para prevenir a fistula obstétrica e ajudar as pessoas que sofrem com ela?*
- 2. Como podemos nós, como igreja, nos aproximar das mulheres que convivem com a fistula obstétrica para compreender a sua situação?*

PRECES

As orações abaixo foram oferecidas por lideranças Católicas, Ortodoxas e Protestantes

Deus de vida, amor e fidelidade,

Ao refletirmos sobre a vida das mulheres que vivem com fístula obstétrica, oramos para que as proteja.

Criadas à sua imagem e semelhança, elas carregam todos os riscos, sofrimentos e dores associadas ao parto.

Que possamos responder com maior urgência às necessidades de todas as mulheres que vão dar à luz.

Oramos para que haja mais foco na prevenção desta condição devastadora.

Que as mulheres e meninas que vivem com fístula obstétrica sejam ajudadas e apoiadas com todas as competências e serviços profissionais que nossas sociedades têm a oferecer.

E ao dar à luz, que sua dignidade seja respeitada. Tudo isto rogamos por meio do alento daquele que veio ao mundo em uma manjedoura.

Amém

Ó Senhor, nosso Deus, médico de nossas almas e corpos,
olhai por todas as mulheres que sofrem com a fistula obstétrica.

Brinde-as com sua misericórdia e compaixão; cure-as e levante-as de seu leito de doença. Dai-lhes paciência e força durante este período de provação.

Oramos para que, em seu amor pela humanidade, abençoe e guie as mãos dos profissionais médicos que cuidam delas. Dai-lhes sabedoria, habilidade e discernimento em seus tratamentos.

Ó Senhor, dai conforto e paz aos familiares e entes queridos de todas as mulheres que vivem com fistula obstétrica, que também sofrem com esta doença. Fortalecei-os com fé e esperança, e dai-lhes a graça de apoiá-los e cuidar deles neste momento difícil.

Pedimos humildemente as intercessões da Santa Theotokos, da Virgem Maria e de todos os santos, para que suas orações fortaleçam essas mulheres e lhes tragam a cura conforme Sua vontade.

Pois tu és Deus misericordioso e amoroso, e a ti atribuímos glória, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos.

Amém

Gracioso Deus,

Muitos são os fardos que enfrentam as mulheres: discriminação de gênero; exclusão dos espaços de tomada de decisão; ausência da independência econômica para satisfazer suas próprias necessidades. Quando confrontadas com obstruções no útero, muitas destas mulheres não têm ninguém que as apoie, ninguém que defenda suas necessidades, e são ainda mais discriminadas devido às lesões que sofrem em seus corpos. Elas são excluídas – não porque sejam impuras, mas porque sua condição causa incontinências contínuas que são desconfortáveis para muitas pessoas.

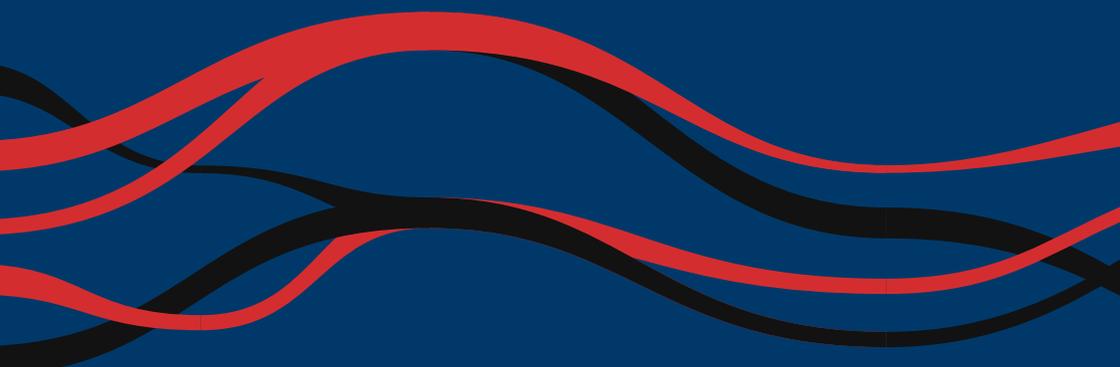
Tua palavra demonstra Tua compaixão pelas pessoas em situações desesperadas, viúvas e órfãs – e as vítimas da fístula obstétrica estão tão desesperadas quanto as viúvas, tão abandonadas quanto as órfãs. Muitas vezes as consideram como mortas-vivas, ocultadas e envergonhadas, como pessoas leprosas – tanto fisicamente quanto socialmente.

Apelamos a Ti, Jeová Rapha, que curou homens leprosos, mulheres com sangramentos e crianças doentes, para intervir na vida das mulheres e meninas que vivem com fístula obstétrica e curar seus traumas físicos, sociais e mentais. Deus da vida, suas filhas choram em desesperada necessidade de cura, assim como as mulheres que sangravam. Os pais delas buscam ansiosamente a Ti, aguardando as palavras preciosas – ‘Talitha Cumi’ – para que possam ressurgir das cinzas do desespero e dos ferimentos que causam a fístula. Deus de ressurreição e vida, restaurai a integridade de Tuas filhas, e chamai-as à vida por meio da cirurgia, do fim do estigma e de novas leis.

Transformai nossos corações para que nos dediquemos ativamente a nutrir e proteger nossas meninas, para que as gravidezes não se tornem um risco para suas vidas e seus sustentos. Ajudai-nos a arrepender-nos de não atuar contra os casamentos infantis, o estupro e as crianças subnutridas, pois são estas as maiores causas da fístula.

Tem misericórdia, Jesus amado, de Teus filhos. Que nossa defesa nunca termine até que seja erradicada a fístula obstétrica.

Em nome de Jesus, amém.



**World Council
of Churches**



9 782825 418475